OS IMPACTOS DA INCONTINÊNCIA URINÁRIA EM MULHERES ACIMA DE 18 ANOS NA CIDADE DE SÃO LUÍS DO PIAUÍ

ANDRESSA DESIDERIO; ANA CLÁUDIA DE OLIVEIRA LEAL ROCHA; DEISE SANTANA LEAL; ÉRIKA RAVENNA VIANA AMORIM; RENATA RODRIGUES PIO

RESUMO

Ao serem analisados os fatos mencionados nesse estudo, foi estabelecido que a incontinência Urinária (IU) é uma doença que afeta mulheres de todos os tipos etiológicos e que sua incidência está aumentando cada vez mais com o passar dos anos. Essas estatísticas demonstraram sua relevância na área sob investigação porque inúmeras mulheres se queixam da perda involuntária de urina. A presente pesquisa teve como objetivo avaliar o nível de conhecimento das mulheres sobre o assunto e como é importante o fortalecimento da região na prevenção da continência urinária. Trata-se de uma pesquisa de campo, do tipo exploratório e descritivo, transversal, de natureza qualitativa e quantitativa. O público-alvo foi composto por mulheres acima de 18 anos do município de São Luís do Piauí totalizando uma amostra de 63 participantes. Para o desenvolvimento da pesquisa foi disponibilizado de forma individual um link enviado via Whatsapp criado através do Google forms, contendo um questionário da aplicação do International Consultation on Incontinence Questionnaire - Short Form (ICIQ SF). Os resultados obtidos através da pesquisa foi que 44,4% perdem urina diversas vezes por dia; 15,9% perdem urina uma vez ao dia; 14,3% nunca perdem; 4,8% perdem duas ou três vezes por semana e 14,3% perdem urina uma vez por semana. Assim como 58,7% realizam acompanhamento ginecológico e 41,3% não realizam. Desta forma, conclui-se que o conhecimento acerca dessa musculatura, sua funcionabilidade, disfunções associadas e participação deste no processo do avanço de idade é incipiente entre as participantes avaliadas, corroborando com a hipótese da pesquisa.

Palavras-chave: Assoalho Pélvico; Fortalecimento; Mulheres; Incontinência; Fisioterapia.

1 INTRODUÇÃO

A Incontinência Urinária (IU) é categorizada como qualquer perda de urina que ocorre involuntariamente e de acordo com seus sintomas. Nesse sentido, é dividida em subcategorias, sendo elas a Incontinência Urinária de Esforço (IUE), Incontinência Urinária de Urgência (IUU) e Incontinência Urinária de Mista (IUM). Além disso, a perda involuntária da micção pela uretra é classificada como IUE quando ocorre concomitantemente ou após um aumento da pressão abdominal, como durante atividade física, pausas respiratórias ou inícios da ausência de resistência do músculo detrusor. Como também a classificada como IUU é quando uma sensação esmagadora de urgência precede ou segue a micção involuntária e a IUM é classificada como incontinência urinária mista (Alencar- Cruz et al, 2023).

Dessa maneira, um dos principais fatores que aumenta a probabilidade de desenvolvimento de IU em mulheres jovens é a gravidez. E assim, as alterações físicas relacionadas à gravidez, como aumento da pressão uterina durante o crescimento e peso fetal

DOI: 10.51161/conbrasc2024/30900

na musculatura assoalho pélvica (MAP), juntamente com alterações hormonais, como aumento da progesterona, diminuição da relaxina e diminuição dos níveis de colágeno, podem resultar em diminuição da força da MAP e função esfincteriana. Contudo, a gravidez pode estar ligada a uma diminuição da força do MAP, o que pode resultar em IUE (Caruso et al, 2021).

Logo, a IU é comum em pessoas do sexo feminino, sendo também mais comum em pessoas com maior Índice de Massa Corporal (IMC), excesso de peso e circunferência circunferencial. Além disso, o ganho de peso pode agravar ou causar disfunção da articulação pélvica, aumentar a pressão intra-abdominal e agravar a pressão crônica dos nervos e ligamentos, levando a alongamento excessivo (Nygaard et al, 2018).

Destaca-se que uma IU pode resultar em situações estressantes que afetam negativamente a autoestima e a qualidade de vida do indivíduo. Como resultado, as mudanças no estilo de vida provocadas pelo declínio nas relações sociais podem ter um efeito adverso na saúde mental e contribuir para o desenvolvimento da depressão. Dessa forma, vem sendo mais comum em idosos, que começam a evitar atividades sociais por culpa de sua condição (Kessler et al, 2022).

Desse modo, o fortalecimento do assoalho pélvico contribui positivamente na diminuição da perda urinária, um dos principais sintomas da IU. Assim como, após a realização de tratamento específico voltado para o fortalecimento da musculatura pélvica, a perda urinária deixa de ser um sintoma recorrente. Dentre as formas de saber se o tratamento para IU está tendo resultados positivos, é importante observar a frequência e a quantidade de perda urinária (Preda et al, 2019). Em resumo, o tratamento de primeira escolha para IUE é a reabilitação do assoalho pélvico, melhorando a sua força muscular. Para melhor avaliação é de suma importância a escala de Oxford modificada que irá contabilizar a qualidade de força dos músculos do assoalho. Dessa forma, o fisioterapeuta saberá direcionar de forma específica um melhor tratamento (Romero-Cullerés et al, 2019). Em síntese, a presente pesquisa tem como objetivo avaliar o nível de conhecimento das mulheres sobre o assunto e como é importante o fortalecimento da região na prevenção da incontinência urinária.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

O presente estudo trata-se de uma pesquisa de campo, do tipo exploratória e descritiva transversal de natureza qualitativa e quantitativa, com o intuito de explorar o entendimento das mulheres com IU. Essa pesquisa foi realizada a fim de debater sobre as necessidades e os impactos que a IU afeta a qualidade de vida dessas mulheres do município de São Luís do Piauí, município este que habitam 2.309 pessoas no censo de 2022, resultado divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Para Piana (2009), a pesquisa de campo trata-se de um tipo de estudo que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. Desta forma ela exige do pesquisador um encontro mais direto. Sendo assim, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre, ou ocorreu e reunir um conjunto de informações a serem documentadas. O público-alvo foi composto por mulheres que atenderam os critérios de elegibilidade.

A seleção da amostragem foi constituída por mulheres do município de São Luís do Piauí. Totalizou-se uma amostra de 63 mulheres. Os critérios de inclusão para análise dos formulários foram, indivíduos do sexo feminino, mulheres que aceitaram assinar o termo de consentimento livre esclarecido (TCLE), que possuíssem acesso à internet, Mulheres com idade acima de 18 anos, residentes na cidade de São Luís do Piauí. Não foram incluídas no estudo: indivíduos do sexo masculino, mulheres não alfabetizadas, não ter acesso a internet, mulheres com faixa etária menor de 18 anos, mulheres que não residem em São Luís do Piauí. Sobre a faixa etária se deu pelo fato de que menores de idade não são responsáveis pelas suas respostas. No caso de mulheres não alfabetizadas foi devido à dificuldade e o

DOI: 10.51161/conbrasc2024/30900

surgimento de respostas incoerentes. A coleta de dados foi executada por meio da aplicação do International Consultation on Incontinence Questionnaire - Short Form (ICIQ SF). Trata-se de um questionário auto administrável que avalia o impacto da IU na qualidade de vida e à qualificação da perda urinária dos pacientes analisados por meio de um formulário online, onde foi disponibilizado de forma individual um link enviado via WhatsApp criadoatravés do google forms (https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLScqtoN8HZIezSs25MWWe063iPLTCfuktJduw1 8OoHoE69DemQ/viewform?usp=sf_link),o formulário foi feito durante o período de 21 a 31 de julho de 2023, onde foi dividida em duas etapas a primeira apresentava a TCLE e a segunda o questionário da autoria dos pesquisadores, intitulado: Os impactos da incontinência urinária em mulheres acima de 18 anos na cidade de São Luís do Piauí. Depois de aplicado foi feita uma avaliação minuciosa de cada questionário, onde ele apresentava questões subjetiva e objetivas a fim de averiguar o perfil e o nível de conhecimento dessas mulheres sobre IU. Também foram adicionadas, pelos pesquisadores, algumas perguntas complementares no formulário, a fim de verificar fatores associados à IU. Tais questões permitiram demarcar a média idade da população, e se essas mulheres possuem o hábito de realizar consultas ginecológicas.

O presente estudo seguiu como base as diretrizes e normas da resolução 466/12 de 10 de dezembro de 2012, do conselho nacional de saúde, que estipula os aspectos éticos que prezam a proteção aos participantes de pesquisas científicas em seres humanos. O projeto seguiu a resolução 510/2016 que trata do consentimento e do assentimento livre e esclarecido no art.15, que determina modalidades de registro distintas, respeitando a maior diversidade possível das formas de interatividade com os participantes das pesquisas.

Após a etapa de coleta dos dados realizada através do questionário ICIQ SF, as perguntas foram analisadas criteriosamente pelas pesquisadoras. O questionário foi realizado na plataforma do Google Forms e divulgado de forma online na rede social WhatsApp. O questionário ficou acessível durante 15 dias no mês de julho de 2023.

As mulheres participantes da pesquisa, receberam um link compondo uma pequena explicação sobre a pesquisa, e acesso direto ao questionário. Foi enviado junto ao link o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, e após aceitarem responderam ao questionário. Cada participante tinha livre escolha para responder ou não ao questionário.

Os dados foram analisados através da estatística descritiva disponibilizada pela própria plataforma do Google Forms. Os dados respondidos no formulário eram salvos em uma tabela no Excel. Nessa tabela ficaram disponíveis todos os dados relacionados ao preenchimento dos questionários, data e hora em que foi respondido e as respostas das demais perguntas separadamente, cada questão em uma coluna específica, o que facilitou a geração de gráficos e definir a porcentagem de cada pergunta.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram deste estudo 63 mulheres na faixa etária de 18 a 75 anos, com média de idade igual a 42,80 anos. (Tabela 1) Referindo-se à quantidade de mulheres que realizam acompanhamento ginecológico, 58,7% realizam acompanhamento ginecológico e 41,3% não realizam. (Tabela 2).

DOI: 10.51161/conbrasc2024/30900

Tabela 1. Idade das participantes

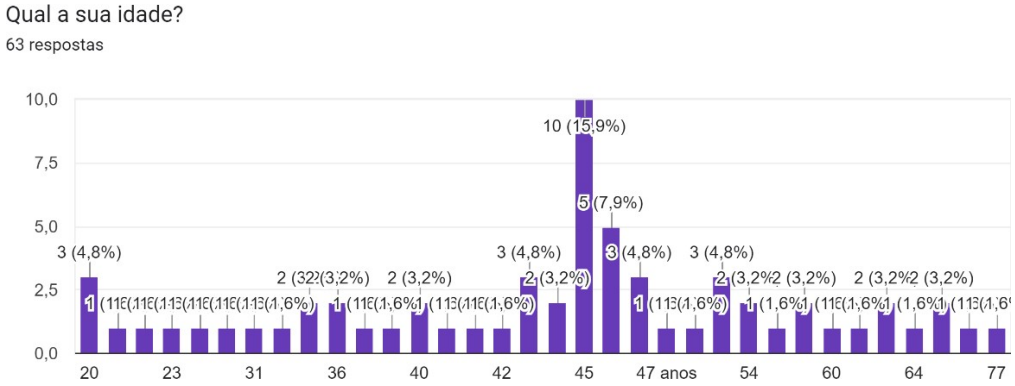
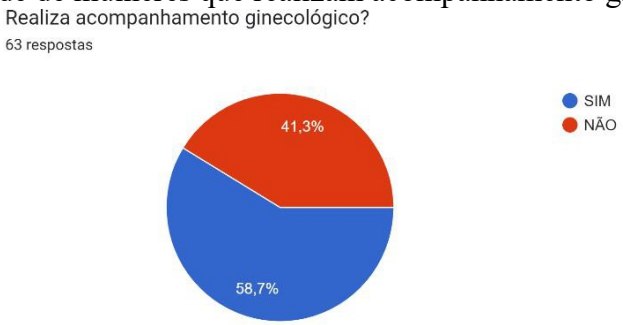


Tabela 2. Quantidade de mulheres que realizam acompanhamento ginecológico



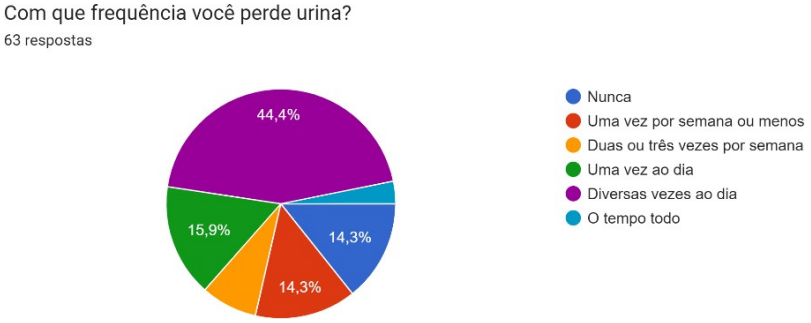
Em relação a quantidade de vezes que essas mulheres realizam consultas ginecológicas, 42,6% relataram que costumam ir uma vez ao ano no ginecologista (Tabela 3).

Tabela 3. Quantas vezes ao ano realizam consultas ginecológicas

Quanto a frequência com que perdem urina, a maioria das incontinentes (44,4%) relatou perder urina diversas vezes ao dia; 15,9% perdem urina uma vez ao dia; 14, 3% nunca perdem; 4,8% perdem duas ou três vezes por semana e 14,3% perdem urina uma vez por semana ou menos (Tabela 4).

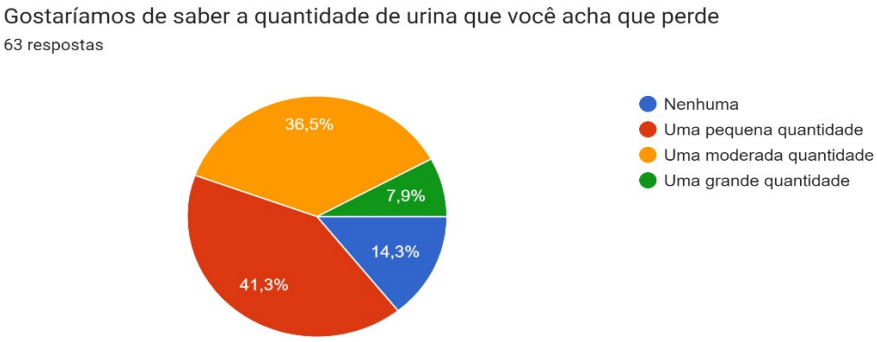
DOI: 10.51161/conbrasc2024/30900

Tabela 4. Frequência que as mulheres perdem urina



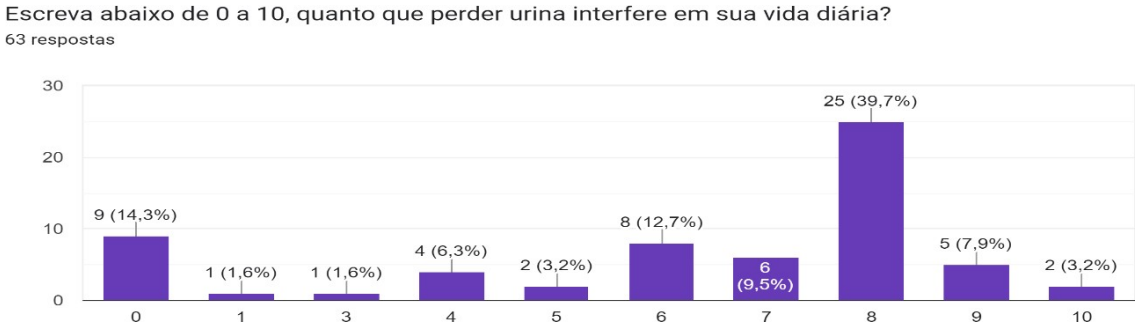
No que se refere a quantidade de urina que perde, 36,5% das mulheres disseram perder uma quantidade moderada de urina; 41,3% perdem uma pequena quantidade; 14,3% não perdem nenhuma quantidade e 7,9% perdem uma grande quantidade de urina (Tabela 5).

Tabela 5. Quantidade que perdem urina



A maioria das mulheres quando questionadas sobre o quanto perder urina interfere em sua vida diária, 39,7% responderam que de 0 a 10, dariam 8 pontos (Tabela 6).

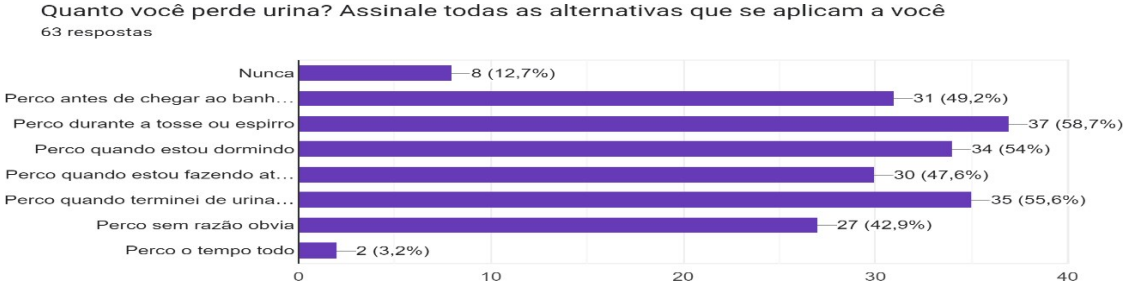
Tabela 6. O quanto perder urina afeta nas atividades de vida diária



Quando questionadas sobre em qual ocasião perdem urina, a maioria, 58,7% responderam que perdem durante a tosse ou espirro; 42,9% relataram que perdem sem razão óbvia; 49,2% perdem antes de chegar ao banheiro; 55,6% perdem quando terminam de urinar e estão se vestindo; 54% perdem quando estão dormindo ou quando estão fazendo atividades físicas; 3,2% perdem o tempo todo e 12,7% relataram que nunca perdem urina. (Tabela 7)

DOI: 10.51161/conbrasc2024/30900

Tabela 7. Em que ocasião costumam perder urina



Na atual pesquisa, foi observado que a maioria das mulheres realizavam acompanhamento ginecológico pelo menos 1 vez ano, resultado esse em que se faz necessário um maior número de acompanhamento ginecológico. A fim de aprimorar o tratamento e saber qual fator está desencadeando a IU.

Sobre a quantidade de perda de urina as mulheres do deferido estudo apontaram que perdem uma quantidade moderada, 2 ou 3 vezes ao dia de urina. Cabe ao paciente além do tratamento ginecológico realizar em conjunto um tratamento fisioterapêutico, visando o fortalecimento do assoalho pélvico bem como tratamento de demais disfunções que pode estar associada a IU.

4 CONCLUSÃO

Ao serem analisados os fatos mencionados nesse estudo, foi estabelecido que a incontinência Urinária (IU) é uma doença que afeta mulheres de todos os tipos etiológicos e que sua incidência está aumentando cada vez mais com o passar dos anos. Essas estatísticas demonstraram sua relevância na área sob investigação porque inúmeras mulheres se queixam da perda involuntária de urina.

Concluímos que a fisioterapia na saúde da mulher é uma profissão nova, na qual a população ainda não tem conhecimento adequado devido à grande escassez de informações sobre a temática. Entretanto, a mesma dispõe de vários recursos que podem ser associados ao tratamento da IU, dentre eles o biofeedback, auxiliando na demonstração da contração muscular, conscientizando a mulher quando deve contrair e relaxar a musculatura do assoalho pélvico. Dessa maneira, o trabalho de fortalecimento muscular realizado pelo profissional de fisioterapia com ênfase em saúde da mulher, tem se mostrado como uma das melhores formas de tratamento para disfunções como as IU. Visto que uma das principais causas delas é a fraqueza dessa musculatura, tendo como desfecho escape de urina.

Além dos acompanhamentos como (ginecológico e fisioterapêutico) cabe incluir o psicólogo para uma melhor resolução do tratamento, pois a IU é uma patologia que mexe com o bem-estar físico, emocional e social de cada paciente. O Diagnóstico precoce possibilita o tratamento adequado em tempo hábil, evitando maiores problemas, diminuindo o tempo de resolução e melhorando a qualidade de vida das pacientes.

REFERÊNCIAS

CARUSO, F. B. et al. Risk Factors for Urinary Incontinence in Pregnancy: A Case Control Study. **Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia / RBGO Gynecology and Obstetrics**, v. 42, n. 12, p. 787–792, dez. 2020.

KESSLER, M. et al. Efeito da incontinência urinária na autopercepção negativa da saúde e depressão em idosos: uma coorte de base populacional. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 27, n. 6, p. 2259–2267, jun. 2022.

DOI: 10.51161/conbrasc2024/30900

MESSIAS DE ALENCAR-CRUZ, J; LIRA-LISBOA, L. O impacto da incontinência urinária sobre a qualidade de vida e sua relação com a sintomatologia depressiva e ansiedade em mulheres. **Revista de Saúde Pública**, v. 4, pág. 1–6, 1º de julho. 2019.

NYGAARD, C. C. et al. Urinary Incontinence and Quality of Life in Female Patients with Obesity. **Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia / RBGO Gynecology and Obstetrics**, v. 40, n. 09, p. 534–539, set. 2018.

PIANA, M. C. **A construção do perfil do assistente social no cenário educacional**. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2009.

PREDA, Andreia; MOREIRA, Susana. Incontinência Urinária de Esforço e Disfunção Sexual Feminina: O Papel da Reabilitação do Pavimento Pélvico. **Acta Médica Portuguesa**, v. 32, n. 11, p. 721-726, 2019.

ROMERO-CULLERÉS, Georgia et al. Inter-rater reliability of the digital palpation of pelvic floor muscle by the modified Oxford Grading Scale in continent and incontinent women. **Archivos espanoles de urologia**, v. 72, n. 6, p. 602-607, 2019.

DOI: 10.51161/conbrasc2024/30900